

**CRISE DA EDUCAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: UMA
ANÁLISE A PARTIR DE HANNAH ARENDT E MARTIN
HEIDEGGER****Ingrid Cristina Nina Luziani Negri**

Discente do Curso de Filosofia-licenciatura; e-mail: ingridluziani123@gmail.com

Programa de Iniciação Científica: Faculdade Paulus de Tecnologia e Educação Orientador:

Professor Doutor Carlos Eduardo Souza Aguiar

Resumo

No meio educacional entende-se a necessidade da técnica e tradição como fatores complementares para o ensino, mais precisamente, como ferramentas. Essa maneira de definir estes conceitos é incorreta, além de prejudicial ao processo de formação da pessoa, sendo um dos principais agravantes da Crise da Educação. Segundo Hannah Arendt a Crise vem a ocorrer em um ambiente de fragilidade, em que as estruturas de ensino-aprendizagem já são precárias não apenas no local específico em que ela aparece, mas não percebemos isso justamente por ignorar a Tradição, vista como algo ultrapassado e irrisório. Partindo desse pressuposto, se estabelecerá uma relação entre o esquecimento da Tradição e a má interpretação da Técnica a partir de uma abordagem heideggeriana, uma vez que as explicações mal fundamentadas da técnica são construídas a partir da visão do senso comum, que conhece a tecnologia apenas a partir do que está à sua frente, quando ela deve ser vista além do mero caráter instrumental, principalmente no que diz respeito a formação.

PALAVRAS-CHAVE: Técnica; Tradição; Educação; Crise; Formação.

Abstract

In the field of education, technique and tradition are understood as being complementary factors to teaching, or, more precisely, as tools. This manner of defining these concepts is not only incorrect, but harmful a person's developmental process, being one of the main aggravating factors of The Crisis in Education. According to Hannah Arendt, the Crisis occurs in a fragile environment, where the teaching-learning structures are already precarious, not just in the specific place where it shows up, but we don't realize it precisely because we ignore Tradition, eyeing it as an outdated and whimsy thing. Starting from this assumption, a relation between the forgetting of Tradition and the misinterpretation of Technique will be established from a Heideggerian approach, seeing as the ill-founded explanations of the technique are built through the lens of common sense, which knows the technology only through what is in front of it, when it should be seen beyond it's mere instrumental character, especially in regards to it's role in development.

KEYWORDS: Technique; Tradition; Education; Crisis; Formation.

Introdução

O processo educacional, desde sua origem, é permeado pela lógica social vigente, diferentemente do que muitos ainda discursam. Não é a escola que pauta as mudanças sociais, mas a sociedade que pauta a prática educativa. No entanto, vivemos em uma era em que a educação despreza a prática daquilo que é ensinado ao intelecto, além de pouco se ater a instruir os indivíduos a formar sua liberdade de vontade. Com isto, a crise geral que se debruça sobre a sociedade moderna se estabelece ao longo das décadas nas mais distintas esferas sociais e está intrinsecamente ligada à decadência do sistema de educação e, principalmente, o desprezo de pela sua prática.

Segundo Hannah Arendt, isso não ocorre por mero acaso, pois a crise propriamente dita não se dá em virtude de um elemento específico desordenador que balança estruturas solidificadas, mas, sim, de um cenário mais amplo, que há muito tempo já é precário, e que desmorona no pico das emoções, que já vinham desestabilizando toda uma estrutura sócio-política. Além disso, com o advento das novas tecnologias e ferramentas digitais, mais do que nunca, podemos considerar a educação como um fator diplomático.

Além de todos os fatores citados que permeiam esta investigação, um dado pertinente, que surge durante a pesquisa, é a imposição das medidas de isolamento social em virtude da pandemia do novo coronavírus. Neste cenário, a crise da educação só é assentuada por novas contingências, como a urgência na elaboração de um plano para continuar as atividades acadêmicas através das plataformas digitais de compartilhamento de conteúdo.

Diante disso tudo, a questão é: qual a relação destas problemáticas da crise com a tecnologia? E como interpretações mal fundadas daquilo que é técnico podem acarretar em graves consequências para todo o processo formativo? Segundo Heidegger, a tecnologia não consiste em mera “atividade humana”, mas se desenvolve além do controle humano. Assim, é preciso compreender que a tecnologia é uma maneira de perceber o mundo. A alienação vem tomando conta da sociedade contemporânea cada vez mais, isso é inegável, e a filosofia vem sendo banalizada de forma que aparenta ser trivial. A educação parece perder sua relevância — atualmente, muito se fala sobre ela, mas pouco se sabe.

A Crise

O tema da análise circumspecta a seguir é um lugar-comum. A presente pesquisa trata de assuntos que são também de interesse comum para todo e qualquer contexto político-social, como aqueles relativos à educação. E, uma vez que o sistema de aprendizagem e ensino vem sofrendo uma série de ataques em sua fundamentação, é necessário buscar os elementos específicos que ocasionaram o problema global, que se encontram no interior do cenário de crise.

Em primeiro lugar, poderíamos constatar que toda a educação é um tipo de conhecimento dado e, no entanto, é preciso deixar nítido que nem todo conhecimento concerne à educação, uma vez que todas as ações humanas partem de algum tipo de conhecimento, seja ele como for. A cultura dos homens não é hereditária — aprende-se — e é a linguagem que a transmite. Mas, ao contrário do que muito se discursou por algum tempo na antropologia, tal transmissão não é espontânea, mesmo nas sociedades tidas como primitivas; é preciso uma espécie de mecanismo, aquilo que se conhece como aparelho social, a instituição. Neste sentido, qualquer lugar que dê um método de orientação em que se transmitam os conhecimentos já armazenados, ou, ao menos, uma parte essencial destes aos indivíduos ainda em desenvolvimento, está incumbido de uma função educativa. Nomeia-se essa atividade, propriamente, educação, que passa simultaneamente por um processo e uma instituição ou instituições. (SANTOS, 2019, p. 315-316)

Todavia, a crise na educação é, também, uma crise institucional e, além disso, um fator político, ao passo que aceitamos que educação em sentido lato é este mecanismo que sustenta nossa ponte sociocultural. Via de regra, desde o ensino básico é possível observar nas crianças e, principalmente, nos docentes, a dificuldade de aplicação de técnicas e métodos de aprendizagem e ensino, onde a metodologia é aplicada meramente com intuito de reprodução de conteúdo, restringindo o espaço criativo que permite a inovação das novas gerações. Há um desprezo da prática daquilo que é ensinado ao intelecto no processo de construção do conhecimento e da liberdade de vontade individual e coletiva, em vista de uma carência de orientação apropriada tanto para os que instruem quanto para os que absorvem o conteúdo proposto.

À vista disso, essa desordem não se dá apenas onde está inserido o sujeito em construção, mas, igualmente, no sujeito construído, que transmite e preserva um conteúdo prévio. Ora, além dessas problemáticas há, ainda, o fator familiar, que lança as crianças à escola numa tentativa frustrada de encontrarem lá um local seguro para deixá-las durante o expediente de trabalho ou, na maior parte das vezes, nem tem a chance de matriculá-las numa instituição devido às dificuldades financeiras e estruturais que constituem o lar em que habitam. Ademais, uma recente pesquisa da UNESCO expõe que a educação de má qualidade está gerando um quadro de analfabetismo amedrontador e perigoso nos últimos anos, que tende a piorar ao decorrer das décadas, se arrastando por gerações e afetando as classes mais baixas veementemente. Conseqüentemente, o desamparo dos docentes e falta de ferramentas apropriadas para ministrar aulas é um dos principais fatores que tendem a fortalecer essa estrutura precária, além do embolso inferior a atividade exercida dos profissionais de ensino-aprendizagem.¹

Em sua obra "Entre o Passado e o Futuro", Hannah Arendt nos aproxima do sintoma mais significativo da crise ao indicar sua profundidade e seriedade, quando ela se espalha em áreas pré-políticas como a criação dos filhos e a questão da formação, em que a autoridade em seu sentido mais vasto sempre esteve presente como um tipo de necessidade natural, solicitada também pelas necessidades naturais. Posto isso, pode-se perceber que essa desordem ocorreu, em grande parte, devido à prenoção da figura de autoridade no mundo moderno e, em consequência, o prejuízo desta no contexto educacional e diplomático, à medida que seu significado é deturpado e incompreendido. Contudo, ainda que cause pesar a determinados grupos pensar a autoridade como um elemento essencial na atuação educativa, em todo caso é preciso pensar seu papel no processo formativo.

Devido a seu caráter simples e elementar, essa forma de autoridade serviu, através de toda a história do pensamento político, como modelo para uma grande variedade de formas autoritárias de governo, de modo que o fato que mesmo essa autoridade pré-política, que governa as relações entre adultos e crianças e entre mestres e alunos, não ser mais segura significa que todas as antigas reputadas metáforas e modelos para relações autoritárias perderam sua plausibilidade. (ARENDR,1979, p. 128)

1 11º RELATÓRIO DE MONITORAMENTO GLOBAL DE EDUCAÇÃO, UNESCO, 2014

Assim, há uma posição favorável à autoridade no meio educacional, em que se adota um modo de pensar a educação assumidamente conservador, proposto pela pensadora. Conforme Arendt, a autoridade suprime a necessidade da utilização de instrumentos exteriores de correção, no entanto, dado que a autoridade requer sempre obediência, esta é ordinariamente associada como alguma forma de poder ou violência, logo, onde força e violência são aplicadas, se nota seu fracasso em si mesma. Igualmente, uma educação conservadora não necessariamente é uma educação propriamente autoritária, mas que necessita da mediação da autoridade como figura decisiva no processo de construção do sujeito, que antes de sair de seu estado de tutela, deve ser orientado a um caminho por seus tutores. Nesta conjuntura, a escola poderia ser vista como algo além que mero agente da manutenção de uma ordem denominada, em que acredita-se que o aluno é afetado pelo mundo e impelido a inovação.

É a oportunidade proporcionada pelo próprio fato da crise — que dilacera fachadas e oblitera preconceitos —, de explorar e investigar a essência de que tudo aquilo que foi posto a nu, e a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo. O desaparecimento de preconceitos significa simplesmente que perdemos as respostas em que nos apoiávamos de ordinário sem querer perceber que originalmente elas construíam respostas a questões. Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. (ARENDR, 1979, p. 223)

O fato de os pressupostos desaparecerem, ainda segundo Arendt, significa que as respostas anteriores não nos servem mais como antes e é preciso buscar outras, sem que recorramos a juízos pré-formados. A natalidade, o fato de novos seres humanos estarem sempre surgindo, traz ao mundo uma expectativa da novidade. Deste modo, a crise que assola a educação pode ser vista como uma oportunidade de mudança, trazendo a chance de traçar o caminho para um futuro diferente, quiçá melhor. Muitas vezes, é a chance de olhar para o passado e analisar as fontes das problemáticas que trouxeram a crise presente, com destino a possibilitar um caminho crível para o futuro. Da mesma forma, numa crise não há como separar as circunstâncias gerais que envolvem

o problema de questões particulares, como aqueles relativos à educação. "Além disso, há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importante somente para os imediatamente afetados" (ARENDRT, 1979, p.222). Entende-se, aqui, que a crise é fruto de um cenário social mais totalizante, que ultrapassa a esfera característica de uma educação convencional.

Adiante, voltando o olhar ao lar e, principalmente, a escola, se faz necessário pensar esses ambientes além de meras adequações de vida e violência simbólica, ou seja, como meios de pensamento, aberto e autônomo, onde deve se pensar no conjunto e em conjunto, a fim de pensar progressivamente aquilo que se aprende. Outrossim, a técnica é fundamental neste processo e condiciona a existência e sobrevivência dos alunos e mestres no ambiente escolar, além de ser uma das bases que alicerçam a construção do conhecimento e pensamento analítico, a criação de condições estruturais e globais que sustentam seu caráter e também sua essência. No entanto, essa interpelação parece estar perdendo sua efetividade na medida em que a função primordial é ignorada e, por isso, sua aplicação é falha.

Parte desta incultura se deve ao fato de que, aquilo que se conhece por tradição e técnica na sociedade contemporânea, nos últimos tempos, parece pouco se assemelhar às suas origens. Mas, para compreender a que se refere a tradição e o âmbito técnico de ensino, é preciso, também, compreender o sujeito da formação, para que a atuação educativa seja acessível àquele que está em processo de construção, laboração que tange o desenvolvimento de um ser.

Processos Formativos e a Escola: Técnica, Tradição e o Ato Educativo

Para os caminhos do pensamento, o passado continua passado, mas o vigente do passado está sempre por vir, como já dizia Heidegger em seus ensaios. Ademais, as técnicas educacionais advindas da tradição são meios para fins e, também, atividades do homem enquanto homem, mas não podemos limitá-las apenas a este caráter; uma vez que este trata estritamente de uma determinação instrumental e antropológica da técnica, que, apesar de ser correta, não precisa descobrir a essência das coisas — daquilo que é no mundo.

Visto que a técnica moderna está, também, como um meio para determinado fim, fica menos nebuloso o motivo de sua concepção instrumental dedicar um grande esforço para guiar o homem a um relacionamento direto com a técnica (HEIDEGGER, 2012), uma espécie de mecanismo que não se limita apenas às máquinas, mas também pertence ao homem moderno e se espelha em todo o processo de formação do indivíduo social. “[...] Tudo depende de se manipular a técnica como meio e instrumento, da maneira devida. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar do controle do homem.” (HEIDEGGER, 2012. P.12)

Segundo Heidegger, técnica é uma forma de descobrimento e desvelamento. “[...] Ora, somente onde se dá esse descobrir da essência, acontece o verdadeiro em sua propriedade. Assim, o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro. E somente este nos leva a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência nos concerne” (HEIDEGGER, 2012. P.13). Sua presença, em companhia da ciência e da arte no campo da estética, da transformação do fazer humano em produção cultural e da desmistificação da existência, é um fenômeno em que se expressa um modo de ser das coisas no mundo, refere-se a uma determinação *sui generis*; não se trata meramente da forma como é utilizada ou dos instrumentos através dos quais é regida, os transpõe.

Assim, a técnica não poderia ser confundida com sua essência, pois esta, de maneira alguma, é algo propriamente técnico, mas, sim, um meio de “desvelar os entes como reserva disponível”, em seu ato de ser e estar. Desta forma, também é necessário compreender que o uso da tecnologia na formação é uma responsabilidade, como maneira de perceber o mundo, uma vez que esta é uma ferramenta técnica, desenvolvida através de fundamentos anteriores, que nos permite pensar o posterior no interior da nossa realidade. Entretanto, Heidegger diz que há uma tendência na atualidade a compreender responsabilidade em seu sentido moral mais corriqueiro, como culpa ou mesmo uma espécie de ação; em ambos os casos, porém, nos afastamos do caminho para seu sentido primeiro, que chamamos, depois, de causalidade.

Podemos perceber, também, que isso se espelha no aprendizado do sujeito, que é ensinado, muitas vezes, a procurar o significado ou motivo dos eventos nos efeitos, que em determinadas

circunstâncias aparecem antes, ao invés de buscar as causas que os desencadearam. Como quando, por exemplo, afirmamos que choveu porque o chão está molhado, ao invés de perceber que, na realidade, o molhado é uma consequência da chuva; então, o chão está molhado pois choveu. Essa confusão é a mesma que há com a questão da instrumentalidade, em que se culpa as ferramentas técnicas e tecnológicas pela mecanização do ensino nas escolas. No entanto, as ferramentas e estratégias só podem causar danos quando colocadas em prática por quem as cria e pelos que aplicam. “Enquanto este caminho não se abrir, também não perceberemos o que é propriamente a instrumentalidade do que repousa na causalidade.”

(HEIDEGGER, 2012. P.15)

Convém recordar, além do que já fora dito, que um pequeno erro na concepção sobre técnica e técnica moderna pode resultar em graves consequências acerca de sua real significação. A questão da técnica, para Heidegger, deve ser pensada com base em sua essência, por esse motivo o pensador elabora em sua crítica à modernidade que a técnica moderna revela um descobrir da totalidade, a relação entre desvelamento e disponibilidade indica, especialmente, o modo específico pelo qual os homens experimentam a técnica e experimenta-se nela. Ou seja, é algo que não anula a liberdade humana, que deve ser compreendida tanto como o destino que se oferece ao homem quanto como o modo pelo qual o homem se oferece a esse destino.

No entanto, quando pensamos tais aspectos do pensamento heideggeriano no contexto educacional, é possível notar que o uso malfadado dos métodos de ensino aplicados deliberadamente em sala de aula espelha um desconhecimento do sentido da própria técnica com a qual se tem contato diário. Assim, “a vigência da técnica ameaça o desencobrimento e o ameaça com a possibilidade de todo desencobrir desaparecer na disposição e tudo apresentar apenas desencobrimento da disponibilidade. Nenhuma ação humana jamais poderá fazer frente a esse perigo.” (HEIDEGGER, 2012, P.36)

Por esse motivo, os aparatos e procedimentos técnicos que se sucedem podem ser vistos como meios de interpretação das coisas no mundo. Porém, se olharmos para eles como mecanismos, ou seja, um simples conjunto de meios utilizados para que uma função psicológica se realize, já se pensa em formas de ter domínio sobre a natureza a partir disto e, trazendo essa

reflexão para a presente crise, domínio sobre o modo apreensão dos indivíduos, que, por sua vez, tornam-se cada vez mais dependentes, incapazes de perceber seu estado de tutela ou sair dele em busca de autonomia.

Assim, o Estado moderno transfigurou os cidadãos em sujeitos mecanizados, tornando esse dever obrigatório a todas as pessoas que se encontravam no interior de sua soberania. De acordo com Bauman, "nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade [...]" (2005; p. 26). Por conseguinte, é em virtude deste cenário que, em algum ponto, a relação entre a técnica e tradição parece ter entrado em crise, desestabilizando as estruturas internas de aprendizagem e ensino.

A pessoa, de acordo com essa concepção, ocupa esse espaço entre interior e exterior em que o lar e, principalmente, a escola, não devem ser vistos apenas como um lugar de vida e violência simbólica, mas, sim, um meio de pensamento, aberto e autônomo, para reflexão em conjunto, a fim de pensar progressivamente aquilo que se aprende. Outrossim, a técnica é fundamental neste processo e condiciona a criação de condições estruturais e globais de ensino, proporcionando a criação de novos métodos de educar a cada dia.

Nesse sentido, a questão da técnica surge como aquilo que rege esses processos em companhia da tradição pedagógica, histórica e, até mesmo, tecnológica. E, inseridas em um cenário de crise que assola todo um sistema político-educacional, essas estruturas parecem estar desestabilizadas. Em sua análise filosófico-política, Hannah Arendt apropriou-se de uma alternativa teórica do cuidado para com o mundo, em evidente enfrentamento à atitude intelectual que se notava prevalente na modernidade, aqui, a “alienação do homem” sobre o mundo em conjunto, o universo compartilhado.

Pois o senso comum, que fora antes aquele sentido por meio do qual todos os outros, com suas sensações estritamente privadas, se ajustavam ao mundo comum, tal como a visão ajustava o homem ao mundo visível, tornou-se então uma faculdade inferior sem qualquer relação com o mundo. Esse sentido era agora chamado de comum meramente por ser comum a todos. O que os homens têm em comum agora não é o mundo, mas a estrutura de suas mentes, e isso eles não podem, a rigor, ter em comum; o que pode ocorrer é apenas que a faculdade do raciocínio seja a mesma para todos.

(ARENDR, 2011, P. 353)

Segundo Arendt, o ensino está associado ao que se deve saber, aquilo que é necessário aprender para que se possa pôr no mundo, e é propriamente neste sentido que a tradição se torna significativa. Educar implica, necessariamente, em responsabilidade e respeito pelo outro, pelo educando, e deve estar associada ao ensino para que não se torne, conforme Arendt, “retórica emocional e moral”. O educador sempre ensinará algo que conhece a fundo sobre determinado tema do mundo, e é a partir desse conhecimento que sua autoridade é fundamentada. Todavia, uma educação sem ensino é vazia. Assim, Arendt retoma o conceito de tradição como um testamento, onde os que deixaram suas heranças tem o poder de influenciar o que e como seu legado será entregue. Um legado que se compõe, além dos objetos, de ideias e sapiências que ligam uma geração com outra. Trata-se de um elo entre o passado e o futuro, responsável pelo compromisso de garantir que os saberes não se percam ou se individualizem, mas que se conversem, pois a tradição não é resultado de um processo individual e tampouco de uma caminhada frígida e solitária; é vinda de jornadas muito anteriores às nossas conquistas individuais, das quais nos servimos involuntariamente para embasar novas condutas e instigar o novo e revolucionário em cada um.

Contudo, os fins que se impõe a cada tradição, ao contrário do que muitos discursam, não apagam as pegadas que foram deixadas ao longo dos caminhos percorridos ou as técnicas que foram desenvolvidas ao longo dos séculos, assim como os métodos de aprendizagem e ensino do passado não se apagaram totalmente da memória de nossa educação, como as lembranças de infâncias cruéis que vigiaram e puniram ou premiaram e adestraram uma parcela considerável dos indivíduos de nossas sociedades. Uma vez que os todos se fundam na tradição, a técnica move-se e é movida junto a ela, como aquilo que rege os processos que se desencadeiam aqui e ali, habitualmente com base em fundamentos anteriores que influenciam o agora e o depois, tendo sempre o sujeito como mediador.

Essa, pelo menos, parece ser a lição da tardia colheita de pensamento formalista e compulsório, no século XX, que veio depois que Kierkegaard, Marx e Nietzsche desafiaram os pressupostos básicos da religião tradicional, do pensamento político tradicional e da Metafísica tradicional invertendo conscientemente a hierarquia tradicional dos conceitos. Contudo, nem as consequências no século XX nem a rebelião do século XIX contra a tradição provocaram efetivamente a quebra em nossa história. Esta brotou de um caos de perplexidades de massa no palco político e de opiniões de massa na esfera espiritual que os movimentos

totalitários, através do [p. 54] terror e da ideologia, cristalizaram em uma nova forma de governo e dominação. (ARENDR, p. 54)

Se o passado é simplesmente um conjunto de fatos, a tradição, nas palavras de Arendt (2003, p. 31), “seleciona e nomeia, transmite e preserva, indica onde se encontram os tesouros e qual o seu valor”, admitindo escolhas fundadas em preceitos e premissas que já foram dadas e preservando aquilo que foi deixado por aqueles que entregaram e pelos que receberam. Sendo assim, como está dito, para que possamos visualizar um cenário propício para a aprendizagem precisamos habitá-lo, fazer parte dessa construção. E construir, como está exemplificado na filosofia de Heidegger, há de ser, naturalmente, o próprio habitar. “Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos”. (HEIDEGGER, 2012, P. 127)

Formação e tecnologia: o conflito entre necessidade e dificuldade no momento de crise na educação

A urgência de propor reflexões acerca dos riscos de viver em função dos modos hegemônicos de produção de tecnologia torna necessária uma análise a partir de suas origens, que busque fugir de parcialidades, tal como na filosofia da tecnologia heideggeriana, ou uma crítica conservadora da tradição, vista com maior profundidade na abordagem de Hannah Arendt.

Segundo Paulo Freire, nossa capacidade de aprender implica a nossa habilidade de apreensão da substantividade do objeto apreendido. A memorização mecânica do perfil do objeto apresentado não trata de aprendizado verdadeiro de um objeto ou de seu conteúdo, pois, o educando deve ser moldado, nas palavras de Freire, “[...] como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo [...] epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção” (FREIRE, 2017, p. 67). É exatamente em virtude desta valiosa atividade de apreender a substantividade das coisas que o pensador explicita a possibilidade de reconstrução de um mal aprendido, uma vez que o indivíduo em formação foi “paciente da transferência do conhecimento feita pelo educador”. Substantividade significa, assim, aquilo que é incorporado à estrutura cognitiva, a base ou substância de um conhecimento novo, não o

vocabulário conveniente utilizado para elucidar as ideias. É aqui, também, que um conhecimento já dado se molda com base em novas atribuições.

Para esta explicação, portanto, esse ensinamento freiriano é pertinente, pois, direcionado à compreensão da tecnologia, auxilia no entendimento da importância da linguagem na educação, que é um dos componentes indispensáveis com que os profissionais das ciências humanas trabalham, especialmente o educador, que inclina-se a dirigir outras interlocuções, na medida em que o descobrir desvela o disponível, em um instante em que o disponível não se trata apenas do humano, a essência, e, sim, o conjunto de signos e símbolos, em que a oratória sobre discursos se transforma na matéria. Todavia, esse tipo de uso da capacidade cognitiva parece se tornar cada vez mais trivial ao longo das décadas, como se os adventos tecnológicos que surgem a cada dia se explicassem em si mesmos. Neste ponto, há um conflito entre a necessidade de se adequar e a dificuldade de adaptação da linguagem para a utilização desses meios na educação em seu contexto geral.

Um cenário pontual em que isso se torna evidente na contemporaneidade é o do vírus SARS-CoV-2, que provoca a pandemia de COVID-19, que, ao obrigar a humanidade a tomar medidas de isolamento social, nos faz repensar a educação para crianças, jovens e adultos. Na esmagadora maioria dos países, a migração para as plataformas digitais se fez necessária à vida dos estudantes e, obrigatoriamente, dos professores. Nunca foi tão essencial o manuseio e entendimento das mídias e plataformas digitais como agora, na mesma medida em que os empecilhos aparecem diariamente, especialmente para as classes mais baixas. No entanto, a dificuldade de lidar com essa nova forma de educar é presente tanto para as famílias quanto para os profissionais de ensino, pois tudo muda. Em casa, estabelecer uma rotina para trabalho e estudo através das ferramentas de comunicação disponíveis é no mínimo frustrante para muitos, uma vez que há uma carga de responsabilidades individuais muito maior.

Essa pandemia nos traz a cada dia um novo ensinamento e, embora sempre exista a oposição às medidas de proteção social tomadas pelos governantes, inclusive entre os da própria

esfera política responsável, há algo de que não se pode duvidar: a tecnologia é necessária, para este momento e sempre; por ser assim, devemos compreender sua função e nosso papel neste lugar, em um mundo que vive sob a égide da técnica.

A este respeito, os indivíduos que fazem parte da era digital parecem estar sempre divididos em dois grupos pontuais, especialmente no ambiente educacional: os adoradores das inovações tecnológicas e seus irredutíveis antagonistas. Outra posição válida para os que não compreendem de fato aquilo que é técnico e sua função para a formação é a da neutralidade. Neste estado, a técnica pode ser ora boa, ora prejudicial por si mesma, sem interferência de terceiros. Seja como for, as consequências de sua utilização serão sempre justificadas pelo simples fato de sua existência. Para Heidegger, porém, nenhuma dessas posições poderá nos proporcionar de fato uma relação livre com a tecnologia, uma vez que a determinamos pelos juízos que nós mesmos criamos a seu respeito, objetando-a.

Por isso nunca faremos a experiência de nosso relacionamento com a essência da técnica enquanto concebermos e lidarmos apenas com o que é técnico, enquanto a ele nos moldarmos ou dele nos afastarmos. Haveremos sempre de ficar presos, sem liberdade, à técnica tanto na sua afirmação como na sua negação apaixonada. A maneira mais teimosa, porém, de nos entregarmos à técnica é considerá-la neutra, pois essa concepção, que hoje goza de um favor especial, nos torna inteiramente cegos para a essência da técnica. (HEIDEGGER, 2011, P.11)

Segundo Hannah Arendt, em seus escritos sobre as origens do totalitarismo, há uma postura muito duvidosa entre as massas, um comportamento social que aparece, muitas vezes, em regimes democráticos: a indiferença. Para a pensadora, a indiferença dos coletivos é caracterizada por convicções sem argumentação, conclusões sem premissas e debates sem ideias. As massas surgem de uma sociedade com estruturas competitivas e solitárias que alimentam os regimes totalitários, uma vez que todos os indivíduos que se colocam em posições “imparciais” tendem a migrar quase que imediatamente para o lado mais influente de acordo com as conveniências. “Foi a possibilidade de educar as massas no espírito da alta traição que deu aos movimentos austríacos de unificação étnica o considerável apoio popular que nunca tiveram na Alemanha e na Rússia propriamente ditas. Era muito mais fácil induzir o trabalhador alemão a atacar a burguesia alemã do que a atacar o governo” (ARENDDT, 1951, p. 254).

Com isso, é possível observar que, possivelmente, a neutralidade é uma das condutas mais vagas quando se discute o papel do educador na formação; seja para interpretar a política, comportamento social ou o próprio papel da tecnologia no desenvolvimento humano, ela nem sempre é a mais confiável, justamente por sua conduta não ser clara e estar sempre dividida por opiniões conviventes ao momento. E, mesmo que na maior parte das vezes não seja notável, esse comportamento se tornou uma maneira confortável de conviver com o avanço ligeiro da técnica e suas máquinas, que não se tratam meramente de *smartphones* e computadores, apesar de tais ferramentas serem de fundamental importância à contemporaneidade.

Contudo, as constantes tentativas modernas de dominar os instrumentos tecnológicos para moldar os indivíduos ainda em processo de formação e controlar a classe proletária já formada continuam inescrupulosas. Além disso, nada nos acrescentam em conhecimento, mas apenas instigam ambição, egoísmo e dominação dos mais influentes sobre os persuadíveis. Porém, como ainda não são suficientes as lições deixadas pela II Guerra Mundial, a humanidade parece caminhar perdida entre as máquinas e aparatos digitais, e, cada dia mais, uma educação voltada para a tecnologia, que vá além do seu caráter instrumental, se faz necessária. Dito isso, é importante ressaltar que, para Heidegger, a diligência forçosa de dominação sobre a técnica pouco nos aproxima de sua essência.

A força dominadora inerente à essência da técnica revela-se, ainda, quando se tenta, em terrenos secundários e com a ajuda das valorações até hoje vigentes, domar a técnica, acabando-se, porém, por utilizar os meios técnicos, os quais são tudo menos formas exteriores. Isto porque, de todas as formas, a utilização de maquinaria e a fabricação de máquinas não constituem, só por si, a técnica ela mesma, mas apenas um instrumento que lhe é conforme, com vista ao estabelecimento da sua essência na objectividade da sua matéria-prima. Mais ainda, a transformação do homem em sujeito e do mundo em objecto é uma consequência do estabelecimento da essência da técnica, e não o contrário.

(HEIDEGGER, 1977, p. 174)

Prontamente, a necessidade de compreender as dificuldades que cercam a construção do pensamento pedagógico, tal qual o pensamento filosófico na prática escolar, portanto, deve se nutrir de forma que ande em conjunto construtivo com a evolução das novas tecnologias. Os artifícios técnicos que vêm surgindo podem ser vistos como meios de interpretação para o mundo do entorno. Se olharmos para eles, porém, como mecanismos, ou seja, um simples conjunto de

meios utilizados para que uma função psicológica se realize, já se pensa em formas de ter domínio sobre a natureza a partir disto.

A transformação educacional está descrita nos livros, revistas, sites, na mídia em geral, mas as aplicações e transformações não saem do papel ou oralidade e, quando ocorrem, em número muito reduzido, somente alguns educadores têm condições específicas para colocá-las em prática e conseguem fazê-lo. A mudança significativa depende da criatividade individual e coletiva, da organização e do planejamento das ideias e das condições estruturais e globais, que devem ser estimuladas pelo meio em que vivemos e pela associação desses fatores à reflexão, análise, interpretação, pesquisa, contextualização e avaliação das ações.

Sabemos que problemas educacionais ocorrem em várias áreas, como financeiras, culturais, sociais e pedagógicas, mas, para que haja mudança, deve ser feito um levantamento dessas dificuldades por meio de um diagnóstico da realidade e da busca das melhores formas possíveis para a elaboração de um projeto eficiente e eficaz, para que a mudança, a curto ou longo prazo, tenha condições e oportunidades de evoluir frente às novidades, como a ascensão das ferramentas técnicas inovadoras que vem surgindo a cada geração.

Considerações Finais

A educação, como função social, é uma decorrência da vida em comunidade e participa do nível e da qualidade da própria vida em comum. Por meio dela adquirimos nossos hábitos fundamentais, que determinam a natureza das ações humanas perante o mundo e para a melhor compreensão. Apesar disso, mesmo os seres racionais que possuem conhecimento e são intelectualmente habilitados muitas vezes optam por cometer atos prejudiciais em vista de bens inferiores.

Ao longo do trabalho percorremos o seguinte caminho: em primeiro lugar, vimos como a crise na educação vai além da compreensão do senso comum, ao verificar que este problema se estende desde ao seio familiar e se demonstra de maneira mais grave nas instituições, fazendo parte do escopo político dito por Hannah Arendt, em que há também uma crise da autoridade, que é

essencial para ação educativa. Em seguida, a questão da técnica e a importância da tradição se tornam mais latentes e é preciso buscar nas profundezas do pensamento heideggeriano o real sentido daquilo que é técnico para, por fim, demonstrar como o mau uso da tecnologia interfere diretamente em nossas relações com a essência do que é técnico. Isso faz pensar todo o processo de compreensão e apreensão de conceito e conteúdo, a forma como temos ensinado e aprendido. Certamente essa não é a maneira mais adequada e, talvez não saibamos o que pensamos saber.

Com a situação ocasionada pela COVID-19 alguns aspectos do presente trabalho se tornam ainda mais pertinentes, o isolamento social é necessário como nunca antes, mas suas consequências são inevitáveis, visto que o despreparo do Estado para lidar com a situação é notório em diversos setores. Para dar alicerce ao povo, é necessário se cercar de pessoas qualificadas, capazes de compreender o cenário e selecionar os materiais adequados para lidar com ele circunspectamente, pois a crise na educação não se foi, apenas se modificou drasticamente, e não para melhor.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**; [Introdução Mauro W. Barbosa] – 7ªed. I. reimp – São Paulo: Perspectiva, 2013.

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras, 1989.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Editora Forense Universitária, 2008.

BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. -- 7ª ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos da Floresta**. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

SBERGA, Adair Aparecida. **A Formação da Pessoa em Edith Stein**. 1ªed.- Paulus, 2014.

SANTOS, Rui Alberto Nunes dos. **As origens da educação escolar e a "construção social" da organização "escola"**. Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 2019

(Link de acesso:https://digitalis.uc.pt/ptpt/node/105857?ur=bitstream/10316.2/23778/1/mathesis_8_artigo15.pdf)

UNESCO, 11º **Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos**. Desenvolvido por uma equipe independente e publicado pela UNESCO, 2014 (Link de acesso: <http://en.unesco.org> [Crise na aprendizagem mundial está custando \$129 bilhões por ano] disponível em fevereiro de 2020)